

Narrativa (auto)biográfica de um professor de inglês sobre as práticas de (multi) letramentos nas aulas remotas e presenciais

Thiago da Silva Vieira¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8436-4922>

Helen Regiane Martinez²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3399-5492>

Luis Fernando Muller da Silva³

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8610-0461>

Rodrigo Avella Ramirez⁴

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8468-2851>

Resumo

Este artigo utiliza a metodologia narrativa (auto)biográfica para analisar como um professor de inglês da FATEC caracteriza sua prática docente no período de retorno ao ensino presencial, pós ensino remoto durante a pandemia de Covid-19. O ensino tem se expandido para fora das instituições, ampliando a interatividade entre professores e alunos, a semiótica passa a dar significado às diversas linguagens existentes, considerando o conhecimento de diversas plataformas, redes sociais e a prática de letramento e (multi) letramento presentes no cotidiano dos professores e alunos. O objetivo foi relatar o que esse professor aprendeu, quais são seus atuais desafios e o que mudou em sua prática pedagógica ter vivido a experiência do ensino remoto online. Para tanto, por meio de sua narrativa poderemos compreender como a voz desse professor e sua experiência singular se traduzem em características universais para que outros docentes possam se identificar com a narrativa aqui apresentada e ressignificar sua prática docente.

Palavras-chave: Narrativas (auto) biográficas; Ensino remoto; Multiletramento.

Abstract

This paper aims to use the (auto)biographical narrative methodology to analyze how an English teacher at FATEC characterizes his teaching practice in the period of returning to face-to-face teaching, after emergency remote teaching (ERT) during the Covid 19 pandemic. Teaching has expanded outside of the educational institutions, expanding interactivity among teachers and students, semiotics begins to give meaning to the various existing languages, considering knowledge of teaching platforms, social networks and the practice of literacy and multi-literacy present in the daily lives of teachers and students. The objective was to report what has this professor learned, what are his current challenges and what has changed in his pedagogical practice having lived the experience of remote online teaching. Through his narrative we will be able to understand, how the voice of this professor and his unique experience translate into universal characteristics so that other professors can identify with the presented narrative and resignify their practice.

Keywords: Narrative; Remote Teaching; Multi-Literacy.

¹ Mestrando, CEETEPS – São Paulo, Brasil. E-mail: thiago.vieira@cpspos.sp.gov.br

² Mestrando, CEETEPS – São Paulo, Brasil. E-mail: helrmart@gmail.com

³ Mestrando, CEETEPS – São Paulo, Brasil. E-mail: luisfernandomuller@hotmail.com

⁴ Doutor, CEETEPS – São Paulo, Brasil. E-mail: roram1000@hotmail.com

1 Introdução

No final de 2019 fomos todos surpreendidos pelo surgimento de uma grave doença, a Covid-19, que rapidamente se enquadrou na classificação de uma pandemia mundial pela ONU⁵. A pandemia da Covid-19 fez com que instituições de ensino adotassem a modalidade de ensino remoto emergencial, para dar continuidade ao ano letivo. As medidas de isolamento decorrentes da pandemia da Covid-19 ocasionaram mudanças profundas nas práticas docentes.

A adoção do ensino remoto emergencial, desenvolvido prioritariamente via Internet, exigiu que professores tivessem que repensar suas estratégias didáticas para continuar a ensinar. A migração dos cursos para o oferecimento em ambientes virtuais distintos levou os docentes – mesmo os que já atuavam em cursos online – a rever suas aulas, interações e avaliações.

Após dois anos de pandemia, o ensino voltou aos poucos ao seu modo presencial. No início pelas séries iniciais e por último o ensino superior. Definitivamente, no ano de 2022, o ensino presencial passa a ser novamente majoritário no Brasil, sendo reinstaurado em todos os níveis da educação. Sem dúvida, a falta de convivência trouxe uma série de situações para o ensino presencial, que não são motivos deste estudo, mas que caracterizaram um novo cenário de sala de aula.

Os professores e os alunos adquiriram novas habilidades, colocaram em prática letramentos diversos, aprenderam a transitar em um novo universo mediado por telas, desenvolveram uma enorme capacidade de utilizar recursos tecnológicos que até então eram meros exemplos de algum filme de ficção científica sobre a educação do futuro. Enfim, esse futuro chegou. O período atual, embora desafiador, pode ser visto como promissor, no contexto educacional, ampliando o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem, em todos os níveis de ensino.

Passados dois anos de pandemia e ensino remoto, como será que esse professor está conduzindo suas aulas totalmente presenciais? Ocorreram mudanças significativas em suas práticas pedagógicas quanto a letramentos? Qual foi a aprendizagem que esse docente teve durante o período de ensino remoto, com a complexidade de recursos tecnológicos e multimodais e quais deles foram incorporados em sua prática atual?

Este artigo pretende entender como o professor de língua inglesa, do ensino profissional, caracteriza sua prática docente no período de retorno às aulas presenciais em 2022. Quais os aprendizados que traz em sua bagagem do período de ensino remoto quanto ao uso de letramentos e (multi) letramentos? Quais desafios têm enfrentado em sua prática pós-ensino remoto?

A oralidade, a escrita e a leitura são práticas historicamente situadas, marcadas pela cultura e, por conseguinte, requer novas formas de apropriação. Diante desse contexto pandêmico, com o contato de novas tecnologias digitais, não é mais suficiente ter letramentos e sim (multi) letramentos.

2 Referencial Teórico

Conforme afirma Ramirez (2014, p. 28), com relação à experiência, todo professor, ao iniciar sua atividade docente, traz consigo larga experiência acumulada sobre o ser professor, pelo simples fato de ter sido aluno, pois o processo de construção do conhecimento se inicia como aprendiz. Com o passar dos tempos o docente adquire experiências, amplia e constrói seus saberes. O contato com as disciplinas ministradas e as adversidades enfrentadas faz com que o docente potencialize conhecimentos a serem compartilhados. Um grande desafio foi em decorrência do contexto emergencial provocado pela pandemia do Coronavírus (Covid-19), conforme as orientações e determinações do Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da

⁵ Tedros Adhanom, diretor geral da OMS (Organização Mundial da Saúde, elevou em 11/3/2020 o enquadramento de contaminação à doença causada pelo novo Coronavírus (Sars – Cov 2) à Pandemia.

Saúde, mediante o Decreto nº64.864, as aulas presenciais foram suspensas a partir de março de 2020, fazendo com que muitas instituições migrassem para o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Segundo Hodges (2020), Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma proposta de um “termo específico para o tipo de instrução, sendo entregue nessas circunstâncias de urgência” (s. p.) portanto, não deve ser confundido com o Ensino a Distância (EaD). Patrícia Behar (2020) explica que o termo “remoto” engloba a distância no espaço geográfico devido à necessidade de distanciamento físico, e a estratégia é “emergencial”, a fim de minimizar os impactos da suspensão das aulas, que passaram a ser mediadas pelo uso da internet.

Para minimizar os impactos na aprendizagem advindos do ensino presencial, foi preciso a utilização de plataformas para realização de atividades pedagógicas através do uso da internet. O professor teve que ensinar de outras formas, assumir o processo de planejamento, criação e adaptação dos planos de ensino, o profissional adquiriu novas experiências, novos saberes. Ramirez (2014, p. 48) enfatiza que:

A Educação Profissional e Tecnológica traz ao ensino desafios para que se crie um ambiente propício à aprendizagem de conteúdos específicos, sobretudo nas áreas tecnológicas. Do professor exige-se, além da competência técnica, um compromisso permanente com a busca de caminhos que levem a práticas formativas inovadoras.

Considerando que o saber do professor não se limita apenas a conteúdos que dependem de métodos e conhecimentos especializados, Tardif (2014, p. 61) confirma, pois,

Eles abrangem uma grande diversidade de objetos, de questões, de problemas que estão todos relacionados com seu trabalho. Além disso, não correspondem, ou pelo menos muito pouco, aos conhecimentos teóricos obtidos na universidade pela pesquisa na área da Educação: para os professores de profissão, a experiência de trabalho parece ser a fonte privilegiada de seu saber-ensinar.

A importância da experiência e dos conhecimentos sociais partilhados são significantes para a construção de saberes, em um contexto de retorno às aulas presenciais, após dois anos de teletrabalho e uso de tecnologias, (multi) letramentos, questiona-se quais práticas docentes foram construídas pelo professor de língua inglesa, o que esse docente aprendeu e quais os desafios enfrentados por ele na sua prática profissional nesta fase que se inicia?

Para investigar e buscar respostas, recorre-se à pesquisa narrativa por meio da abordagem biográfica e entrevista semiestruturada com um professor de língua inglesa de ensino superior da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, delineando as experiências vivenciadas durante e após o ensino remoto, com o objetivo de compreender os sentidos e saberes construídos durante esse período.

Nóvoa (2014, p. 154) enfatiza que:

A abordagem biográfica reforça o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se à medida que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida: a implicação do sujeito no seu próprio processo de formação torna-se assim inevitável. Desse modo, a abordagem biográfica deve ser entendida com uma tentativa de encontrar uma estratégia que permita ao indivíduo-sujeito tornar-se ator do seu processo de formação, por meio da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida.

Compreende-se que ao relatar seu percurso de vida no processo de formação as experiências tornam-se significativas. O conhecimento procedente dessas experiências, poderá gerar novas ideias, saberes e interações, pois quando relatado os fatos vivenciados por uma pessoa, percebe-se que reconstrói um processo percorrido dando-lhe novos caminhos e significados. Cunha (1998, p. 56) ressalta que a narrativa não é verdade literal dos fatos, mas antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformada na própria

realidade. Assim, conhecer como um profissional de educação lidou com os obstáculos do ensino remoto e após a volta das aulas presenciais é de extrema importância, o cenário pandêmico influenciou novos saberes da prática docente.

Para aprofundar o conceito de letramento é necessário entender que as mudanças operadas pelas mudanças de letramento podem atingir profundamente as raízes culturais de uma sociedade. Em algumas sociedades não letradas em que o processo de letramento foi feito por representantes de outras culturas, o confronto direto com indivíduos com a consciência do poder da escrita e da leitura trouxe resistências de ordem política. Essas populações tendiam a não se sujeitar aos processos de letramento, impactando os resultados alcançados por esses indivíduos em quaisquer formas de medição desses aprendizados (STREET, 2014).

Os discursos dominantes do letramento estão relacionados tanto aos discursos dominantes da escrita e da leitura, quanto em relação às construções sociais, como sistemas burocráticos, acadêmicos ou literários. Nesses casos, uma instância de alguma forma impõe seu poder, domina outros que estão submetidos a essa forma de poder (RIOS, 2018).

Ao propor a Teoria Social do Letramento (TSL), Barton (2000, p.8) afirma que letramentos são usos da leitura e escrita em contextos situados, que a escola deve trabalhar o letramento adquirido e construir novos letramentos a partir dos eventos de letramento que estimulem essas práticas, contextualizando com a bagagem do aluno, esses usos podem ser relacionados a práticas sociais e a questões ideológicas. Segundo Barton, eventos, textos e práticas sustentam uma abordagem de letramento constituída por seis proposições, são elas:

1. Letramento é mais bem compreendido como um conjunto de práticas sociais inferidas de eventos que são mediados por textos escritos.
2. Existem diferentes letramentos, associados a diferentes domínios da vida.
3. As práticas de letramento são padronizadas pelas instituições sociais e relações de poder, e alguns letramentos são mais dominantes, visíveis e influentes que outros.
4. As práticas de letramento têm um propósito e estão firmadas em metas sociais mais amplas e nas práticas culturais.
5. O letramento é historicamente situado.
6. As práticas de letramento mudam e novas práticas são frequentemente adquiridas por meio de processos de aprendizagem informal e de produção de sentido.

De acordo com as proposições, entende-se que a concepção de letramento é baseada em eventos relacionados ao uso e à função de textos com práticas de oralidade, leitura e escrita, essas práticas são realizadas sob diferentes formatos, desse modo, novas práticas surgem em diferentes contextos sócio-histórico-culturais, exigindo diferentes letramentos. O termo “letramento” busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles socialmente valorizados ou não, locais (próprios de uma comunidade específica) ou globais, recobrando contextos locais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola), em grupos sociais e comunidades culturalmente diversificados.

Segundo Laet (2020), as grandes mudanças tecnológicas demandaram muitas alterações nas formas como as pessoas garantem sua sobrevivência. Novas formas de trabalho informal surgiram, como o aumento de serviços por aplicativos, possibilidades de atuações em mais de uma área de formação ao mesmo tempo e tantas outras oportunidades que a interconectividade possibilitou às pessoas, assim, reforça-se a necessidade de engajamento das instituições de ensino para fazer com que os educandos apropriem-se de recursos que levam ao (multi) letramento, atentando-se que o letramento é plural: diferentes grupos e sociedades possuem letramentos distintos.

Street (1984), que se dedica a pesquisas sobre letramento nas vertentes teóricas e aplicadas, destaca-se em suas conhecidas proposições acerca dos modelos autônomo e ideológico de letramento. Street posiciona-se em favor desse último, definindo o *letramento* como uso da escrita em termos de práticas sociais concretas. O modelo autônomo, segundo o autor, considera a escrita em sua imanência, desvinculada de contextos de uso. Nessa concepção, as funções da linguagem são afetadas pelo domínio da escrita, principalmente no que diz respeito a funções lógicas. Dessa forma, a oralidade seria secundária no que tange ao uso dessas funções, uma vez que da escrita dependeria a capacidade cognitiva de abstrair. Nessa

perspectiva, há uma dicotomização entre a escrita e a oralidade, em que a primeira é regida pela racionalidade e pela lógica, ao passo que a segunda remete a funções interpessoais da linguagem. Kleiman (2008, p. 18), menciona que os "estudos do letramento adotam um modelo situado das práticas de uso da língua escrita", visto que, nessa perspectiva, qualquer aspecto descritivo ou explicativo acerca dos usos da modalidade escrita implica todos os eventos que compõem a situação comunicativa. Para Rios (2018), os discursos dominantes do letramento estão relacionados tanto aos discursos dominantes da escrita e da leitura, quanto em relação às construções sociais, como sistemas burocráticos, acadêmicos ou literários.

Com a evolução da internet, a globalização, a presença das TIC, o contexto pandêmico, surge a necessidade de se desenvolver outras habilidades que fazem emergir novas práticas discursivas; em consequência dessa multiplicidade de habilidades, surgiu o conceito de (multi) letramentos.

Multiletramentos é um conceito bifronte: aponta, a um só tempo, para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos letramentos, que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita, etc.) (ROJO, MOURA, 2019, p.20).

Outras formas de leitura se tornaram necessárias para a rotina das pessoas na sociedade, principalmente com a internet presente em nossas vidas. Há textos diversificados e inúmeros softwares, blogs aplicativos que possibilitam o contato com a leitura e escrita. Laet (2020) enfatiza que as notícias não vêm mais apenas pelos jornais, mas pelas redes sociais em suas mais diversas formas, como Spotify, Facebook, Instagram e Youtube. Os canais parecem se multiplicar em velocidade cada vez mais impressionante e as habilidades para continuar interagindo e entendendo essa movimentação vão se tornando cada vez mais complexas. Assim, essa movimentação permite novas formas de leitura, dando espaço para um novo participante nesse processo que é o "lautor", o leitor-autor que interage, modifica e ressignifica o conteúdo que ele está lendo (ROJO, MOURA, 2019).

No campo profissional, (BECK, 2011), essas mudanças são tão ou mais significativas que nas outras formas de interação do indivíduo já que o trabalho evidentemente é uma das mais importantes atuações sociais do indivíduo adulto. O saber trabalhar em equipe, a interatividade e o conhecimento cultural são itens importantes para um profissional, como também o contato com textos diversificados com o uso de (multi) letramentos, essa prática possibilitará a troca de ideias e criatividade entre membros de uma equipe.

3 Metodologia

A escolha do método deve estar vinculada ao processo de produção de conhecimento, ou seja, ao que o pesquisador quer saber. Segundo Flick: "O objeto em estudo é fator determinante para a escolha de um método, e não o contrário. Os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos" (Flick, p. 24) e "A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa" (Flick, p. 25).

Nos anos 70, o sociólogo alemão Fritz Schutze desenvolveu um método chamado Entrevista Narrativa, onde são exploradas narrativas "improvisadas" gerando uma análise de dados. Uma variante do método seria a Entrevista Narrativa Autobiográfica, com a diferença que nesse modelo o entrevistador solicita que a pessoa conte sua história de vida a partir de uma questão ampla.

Segundo Cruz Neto (2001, p. 59), a principal função das histórias de vida como forma de entendimento da realidade é retratar uma experiência.

Nesse procedimento metodológico destacamos a noção de entrevista em profundidade que possibilita um diálogo intensamente correspondido entre entrevistador e informante. Para muitas pesquisas, a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual”.

Tomando o conceito de experiência de Larrosa, a experiência é tudo que passa por nós deixando alguma marca. Não basta simplesmente um acontecimento nos passar, é preciso que ele nos transforme de alguma forma. É preciso que o sujeito se relacione com o que experimenta e que essa relação gere transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou o que nos toca, ou que acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (LARROSA. 2002, p. 26).

O saber da experiência é o saber que gera conhecimento, que pode ser refletido e compartilhado no coletivo. É o saber das histórias de vida.

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude (LARROSSA. 2002, p. 27)

Schutze relacionou os processos pessoais e sociais no método de pesquisa, observando que quando uma pessoa narra sua história também a constrói, e dá significado mediante reflexões que não seriam possíveis de outra forma.

“Oliveira, citando Clandinin e Connelly e Larrosa, a narrativa não é apenas um meio para se compreender a experiência, mas é também um meio para a aprendizagem humana”.

Há narrativa autobiográfica quando a pessoa que narra faz uma reflexão sobre sua própria vida e a experiência vivida, geralmente, escrita na primeira pessoa: eu (auto). Há narrativa biográfica, quando o foco da narrativa recai na vida e na experiência de outrem, em geral, escrita na terceira pessoa (ele, ela, eles elas) atenuando-se a presença de quem narra. A vantagem das noções de narrativa autobiográfica, narrativa da experiência, narrativa de vida é, por um lado, a sua abrangência. Elas incluem todas as modalidades de narrativas de si: autobiografias, histórias de vida, biografias educativas, diários, memoriais, depoimentos, relatos... Por outro lado, elas podem variar de extensão sem perder a sua essência.

Por fim, eles podem ainda remeter à transposição de narrativas autobiográficas para biográficas, isso acontece quando o pesquisador transforma uma narrativa autobiográfica (oral ou escrita), que lhe foi oferecida por um participante, que narra sua vida, numa narrativa biográfica, em que o pesquisador assume a autoria do texto. Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado (SOUZA. 2007, p. 66).

Nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente o método autobiográfico e as narrativas de formação, como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras. Classificada como método, como técnica e ora como método e técnica, a abordagem biográfica, também denominada história de vida, apresenta diferentes variações face ao contexto e campo de utilização.

Nosso narrador aqui é o professor Kevin, trinta e cinco anos de idade, é professor de língua inglesa desde 2010, formado pela Universidade Uniderp de Campo Grande/MS, lecionou em escolas de idiomas por doze anos, nas escolas Influx e People. Foi professor e auxiliar de coordenação do ensino bilíngue na escola Wizard by Pearson, trabalhou na instituição Senac e como professor substituto no Estado de São Paulo. Em 2019 atuou no Centro Paula Souza como professor de ensino médio e técnico, por contrato determinado, encerrando-o em 2021 e retornando em março de 2022. No ano de 2021 começou a atuar como professor de ensino superior na FATEC, tendo ministrado aulas no ensino remoto emergencial e, desde fevereiro de 2022, no ensino presencial.

A entrevista foi realizada no dia 29 do mês de julho do ano de 2022, utilizando a mediação tecnológica da plataforma Teams⁶ para realizar uma entrevista com roteiro semiestruturado. Narrador (Kevin) e entrevistadora (Helen) se encontraram virtualmente e enquanto conversavam, suas falas eram automaticamente transcritas pelo aplicativo.

4 Resultados e Discussão

Para contextualizar o tema diante da metodologia escolhida, realizamos uma entrevista com professor Kevin com o objetivo de refletir sua experiência através da sua narrativa e transformá-la em conhecimento comum aos docentes que viveram também essa experiência de retorno ao presencial após o ensino emergencial remoto. Sua fala aqui ganha empoderamento à medida que narrando sua experiência constrói um conhecimento que é da ordem do coletivo e que poderá ser referenciado por seus pares, que vivenciaram o mesmo período histórico.

O evento social representado pelo retorno às aulas presenciais após um período de dois anos no ensino emergencial remoto se conecta através da narrativa de um professor que vivenciou essa experiência, a experiência de outros docentes que também viveram este período, e através de elementos comuns pertencentes à prática docente é construído um conhecimento, gerado pela fala do professor e que advém da sua experiência compartilhada.

A entrevista foi pontuada por algumas questões importantes que se repetem na fala do narrador e que para fins de análise dividimos em dois eixos: tecnologia – (multi) letramentos e relações entre os pares e com a Instituição. Nos dois eixos podemos ler um eixo maior que domina toda narrativa e que seria a reflexão sobre o retorno do professor ao ensino presencial pós ensino remoto emergencial, e sua (nova) prática docente no ensino de inglês.

Eixos observados na narrativa de Kevin sobre o retorno ao presencial e que afetam diretamente sua prática docente:

1. Reflexões sobre a questão tecnológica e (multi) letramentos;
2. Reflexões sobre as trocas entre docentes e apoio da Instituição.

Uma questão que vale ressaltar sobre essa divisão metodológica é que ela serve apenas para que esses eixos fiquem claros no discurso do professor, pois são temas muito importantes na discussão. Mas, observamos que ao longo de toda a entrevista essas questões se perpassam, pois são vivas, acontecem na experiência.

4.1 Reflexões sobre a questão tecnológica e (multi) letramentos

⁶ Microsoft Teams é uma plataforma unificada de comunicação e colaboração que combina bate-papo, videoconferências, armazenamento de arquivos e integração de aplicativos no local de trabalho. O aplicativo foi criado em 2016 pela Microsoft para facilitar a comunicação e promover a colaboração entre pessoas e/ou equipes de uma empresa, foi muito usado também para o ensino remoto emergencial, com adaptações.

No discurso de Kevin nota-se o impacto da tecnologia no retorno ao ensino Presencial. Quando do advento da pandemia, os professores passaram a ministrar aulas de forma remota. A princípio de forma improvisada, contando com seu conhecimento pessoal das tecnologias e com o passar do tempo de forma mais estruturada. Kevin conta um pouco de seu percurso com a tecnologia:

“Antes (da pandemia) usava o quadro e o livro, né? E não tinha tanto uso de tecnologia, né. Tinha questão de agendar as salas de vídeo, né? Pra ter um pouco mais de interatividade com outros recursos, mas agora fica mais fácil, né? Até pelo domínio, né? Eu penso assim, que eu aprendi muita coisa, uso de muitas ferramentas, (multi) letramentos. Até então eu nunca tinha ouvido falar do mentimeter⁷, do padlet⁸. Agora estou conseguindo usar para várias atividades. Helen, agora mesmo, recentemente teve a turma de gestão empresarial, pra eles a aula de língua inglesa é voltada muito para Job Interview para entrevista de emprego. Então, assim, nós fizemos, cada aluno construiu o seu mural, né? Virtual, como algumas questões, né, é refletindo um pouquinho como que é uma entrevista de emprego, o que o entrevistador iria perguntar, também com foco de análise de currículos, escrita e oralidade.

Com o retorno das aulas presenciais, foram construídas novas práticas de ensino através do uso de tecnologias digitais, esse foi um momento para colocar em prática o uso de (multi) letramentos, alunos e professores passaram a maior parte do tempo online, portanto, a leitura, a oralidade, a escrita também fizeram parte desse novo ambiente online, com recursos audiovisuais, imagens, slides interativos e leitura compartilhada. Rojo (2013, p. 8/9) em sua entrevista “Outras maneiras de ler o mundo”, Na Educação do Século XXI, São Paulo: Fundação Telefônica, afirmou:

As profissões da atualidade lidam com imagem, com som digitalizado, com programas de edição de fotos, ou seja, grande parte dos profissionais não opera mais, sem os textos multiletrados. Essa é a maneira de escrever do futuro, mas, para a juventude, esse já é o jeito como ela escreve e é desse jeito que ela vai viver e, inclusive, trabalhar. Esse é um dos motivos pelos quais o conceito de multiletramentos tem toda a relevância para a escola. Do mesmo jeito que ela alfabetizava para ensinar a assinar o nome no começo do século XIX e que alfabetizava para ler pequenos textos e depois mais complexos ao longo do século XX, agora é preciso letrar para esses novos textos que se valem de várias linguagens.

Diante de um mundo pós-moderno, na era digital, percebe-se o contato do professor Kevin com o uso dos letramentos e (multi) letramentos, eles precisam estar em evidência nas escolas, é importante a familiarização de novas tecnologias da informação, da comunicação e com as diversas linguagens existentes através da semiótica.

Nota-se na fala de Kevin o quanto as ferramentas, o contato com (multi) letramentos facilitaram o seu fazer. Pelo que Kevin indica, existe uma facilidade em se ensinar língua inglesa quando são acionadas ferramentas tecnológicas que permitem mais autonomia, o trabalho em pares e interatividade entre alunos. Em sua fala reconhecemos a amplitude do fazer

⁷ Mentimeter é uma plataforma online para criação e compartilhamento de apresentações de slides com interatividade segundo a <https://www.techtudo.com.br/>

⁸ Padlet é uma ferramenta que permite criar quadros virtuais para organizar a rotina de trabalho, estudos ou de projetos pessoais segundo a <https://www.techtudo.com.br/>

docente para além dos muros da sala de aula. Torna-se universal, o que nos parece muito interessante para o ensino de línguas:

“Eles elaboraram as perguntas e as respostas em inglês por meio de textos diversificados. Ai depois eles apresentaram esse mural, então foi uma ideia muito boa, eu achei muito criativo, é um material que eles podem também guardar, atualizar e de repente é porque acontecia muito, né? Ir para uma entrevista de emprego e tinha ali a questão do inglês, muitas empresas exigem, né, um pouquinho de inglês e daí eles vinham, né? Professor help, me ajuda agora com...? Eu vou fazer uma entrevista, então foi interessante essa atividade, porque eles já têm ela pronta. Eles podem ali atualizar, modificar, né? Mas ele já tem um guia para ajudá-los, né? Então achei isso muito bom. Eles podem praticar a oralidade com o próprio áudio deles. Tem ali a escrita, eles podem fazer a leitura, né? Foi apresentado diversos textos (currículos) para análise, tanto em inglês como em português, com esses textos gerou discussões sobre empregabilidade e para praticar a oralidade foram agendadas entrevistas em inglês com cada aluno”.

A experiência da narrativa mostra através do estudo da experiência de Kevin o impacto da tecnologia em suas práticas e o uso dos textos (currículos) para uma análise cultural, tanto em português quanto em inglês. Se tomarmos a narrativa (auto) biográfica como prática de formação docente, além de método de pesquisa, vemos a necessidade de interação do docente do novo ensino presencial com as questões tecnológicas, principalmente em uma disciplina que exige muita interatividade, como língua estrangeira. A tecnologia e (multi) letramentos facilitam e criam uma tensão sobre seu aprendizado e atualizações constantes, preocupação clara na fala de Kevin. Mas também é vista como algo que veio para ficar:

“Creio que sim Helen, veio para ficar. Eu acho que não só a tecnologia, mas letramento e (multi) letramentos são itens importantíssimos na educação. É importante que a educação seja flexível para permitir esses novos encontros, como o encontro com a tecnologia. Também é importante trabalhar com foco no aluno, né? Eles vêm com muitas ideias porque eles comparam, dialogam, né? E eu acho isso muito importante. No fim do semestre realizamos uma feira onde eles apresentaram ações empresariais. Esses foram trabalhos, assim bem mais elaborados, também com uso de (multi) letramentos, textos diversificados, infográficos, recursos audiovisuais, textos de negócios focados em diferentes culturas.

Kevin em sua narrativa mostra como lidou com a transformação da prática pedagógica da experiência tecnológica que antes se resumia a um livro e uma lousa, e se desdobrou a (multi) letramentos que conversam diretamente com os pilares de ensino, principalmente no ensino de uma língua estrangeira: inglês. Sua interação com essas novas práticas inaugura, com toda tensão envolvida, uma nova prática pedagógica pós ensino remoto emergencial, aqui narrada por ele, e a inserção dessas práticas em sua visão de futuro para a educação.

4.2 Reflexões sobre as trocas entre docentes e o apoio da Instituição

Um outro aspecto que nos parece muito importante é a presença da Instituição como apoio a “nova” prática docente, no sentido da formação e utilização das novas tecnologias. É

preciso incluir tempo para pesquisa e aprendizado do uso de recursos midiáticos, e outro tempo para discutir as ações e possibilidades da utilização desse recurso.

Nesse sentido o retorno ao presencial pode apresentar aos docentes dificuldades e desafios que são também compartilhados entre os pares e suas experiências.

“Nós professores conversamos bastante. Às vezes é difícil conversar com todos devido ao horário, mas principalmente com os professores ali da área acabamos falando. Da minha área de linguagens. Eu procuro conversar, trocar ideias. E de repente falar sobre alguma atividade, o que deu certo, falar sobre (multi) letramentos. Vai um ajudando o outro. Eu acho que isso é muito importante também, porque você aprende. Eu aprendi muito com os outros professores, tive muito apoio. Tem um grupo do WhatsApp também, então dá para interagir.”

A interação como alicerce da formação do novo professor permanece aqui como fator importante da troca e formação dos colegas docentes. E a necessidade de apoio e formação adequados a nova configuração da prática docente, surge na fala de Kevin.

“A instituição em si, ela apoia os professores nesse sentido oferecendo alguns cursos, tanto que eu estou fazendo um que é sobre ensino híbrido. É um curso online. É importante manter-se atualizado. Alguns cursos têm me ajudado muito. Esse sobre ensino híbrido, por exemplo. Eu fico sabendo (dos cursos) mais pela instituição, né? Os diretores, eles avisam: olha, está aberto, inscrição! Mandam um e-mail, está aberto a inscrição para o curso tal e, geralmente tem vagas limitadas, esse que estou fazendo são 40 vagas.

Kevin menciona a divulgação dos cursos online oferecidos pela instituição Centro Paula Souza e a importância de se manter atualizado para a construção e reflexão de práticas docentes.

4.3 Reflexões sobre a prática docente no ensino de inglês

O professor refletindo sobre seu trabalho, tende a ressignificar suas experiências e práticas pedagógicas. Ao conversarmos com Kevin, as questões das tecnologias e (multi) letramentos, do relacionamento com pares e instituição parecem surgir com grande força quando ele relata seu trabalho pedagógico em sala de aula no que chamamos novo presencial.

Sua reflexão transforma-se em processo investigativo na educação, utilizando-se da metodologia das narrativas (auto) biográficas. Através delas podemos afirmar que questões como (multi) letramentos, relacionamento entre pares e instituição são questões importantes para o fazer do professor neste novo presencial, impactando diretamente em sua formação. A voz de Kevin reflete socialmente um olhar para o futuro da docência, com suas inquietações atuais.

“Helen, olha, eu trouxe muitas coisas, é muita interatividade. E foi um desafio a aula remota, mas por um lado eu fico né refletindo, eu fico pensando quantas coisas eu aprendi, com a prática de (multi) letramentos? Quanto ao uso de metodologias ativas e para o presencial, agora eu pude trazer essas ferramentas para dentro da sala, né, para implementar, pra ficar ainda mais dinâmico as aulas, então...”

Ai com a volta das aulas presenciais, foi um outro desafio, porque a escola também não estava preparada. Ela estava fechada, né? Então não tinha tantos recursos tecnológicos, então no começo foi um desafio, porque eu pensava, nossa, eu preciso de um de uma ferramenta de um padlet de fazer um mural virtual aqui com a participação dos alunos. E no começo eu senti um pouquinho essa falta, mas claro que a gente foi se adaptando, né? E a escola também. E

hoje já tem as TVs na sala, então é, eu mesmo uso muito os slides, vídeos algo que eu não usava. Antes era uma lousa e um livro e agora abriu um leque de ferramentas e recursos pedagógicos. E com certeza ele (o aluno) aprende (melhor), porque é na prática, né? Eles vão praticando ali, dentro da sala de aula. Não que antes eles não praticavam. Mas é, eles vêm, né? Eles são (multi) letrados e fica um pouco mais lúdico, mais interativo, dá para fazer muitos trabalhos em equipe, em grupo, né?

Como Kevin menciona sobre o uso de tecnologias inseridas dentro da sala de aula, faz com que as aulas se tornam mais contextualizadas de diferentes formas, por exemplo, o uso da Tv para a visualização de um vídeo aumentando a praticidade e interatividade das aulas. Kleiman (2005, p. 48-49) ressalta:

O texto comum na mídia hoje é um texto multissemiótico ou multimodal: são usadas linguagens verbais, imagens, fotos e recursos gráficos em geral. Portanto, não é apenas a linguagem verbal a que contribui para o sentido; a imagem se tornou uma forma de expressão e de comunicação muito poderosa.

Com o ensino remoto e o retorno das aulas presenciais houve uma aproximação do educador para com o educando, tanto por estarem conectados virtualmente como com o retorno das aulas presenciais, reforçando a troca de experiências, valores educacionais de aprendizado, o que foi um momento de inúmeras reflexões para os professores através das práticas docentes adquiridas.

E nesse contexto o que nos diz Kevin sobre os desafios do novo professor? Como as dimensões pessoais e coletivas se relacionam neste contexto? Considerando as mudanças e desafios das aulas remotas ocorridas durante a pandemia, com o contato tecnológico, o professor Kelvin também realizou o contato de múltiplas linguagens, formando um conjunto de textos com os quais os alunos interagiram, através de chat, microfone, imagens, com diferentes gêneros e diferentes propósitos, uma vez que, segundo Rojo e Moura (2019, p. 13) :

[...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Percebe-se a compreensão dos letramentos digitais no docente, isso interfere, no que tange às concepções que trazemos para nossas vivências. São inferências importantes que exigem reflexões acerca de qual perspectiva pedagógica se deve adotar diante das TICs e de seus impactos e desafios na prática escolar.

Vemos agora na fala de Kevin, que questionado sobre o futuro de suas práticas, insere questões que denomina desafios, e que envolvem apoio social para acontecerem. O professor não está sozinho neste contexto, ele depende de outros atores sociais, como a escola, os pares e até mesmo contextos políticos e socioeconômicos.

“Olha pro futuro, Helen, Há... ainda alguns desafios, não é? eu espero que esses recursos, os (multi) letramentos, façam parte das nossas aulas e que tenha assim, uma unificação em que todas as escolas possam fazer uso, né dessas, dessas ferramentas para os alunos, devido ao mundo globalizado em que vivemos, cheio de descobertas. Mais a educação também se aproprie né? E de enriquecer também, de

transferir, de fazer com que o conhecimento chegue mais rápido para os nossos alunos, né? A interatividade é, eu acho, muito importante. O diálogo entre professor e aluno, eu ainda tenho o que aprender. E fazer com que os nossos alunos aprendam, né? Principalmente que eles se sintam engajados com as nossas aulas, né? Acho que isso é muito importante, as ferramentas que nós utilizamos e a as que nós vamos utilizar. Mas é meio que uma união, né, do que nós já tínhamos com o que nós temos agora, né? Uma junção e tudo assim em prol mesmo do aprendizado dos nossos alunos, né?

Com a fala de Kevin, sobre o uso de recursos, (multi) letramentos Rojo (2009, p. 105) menciona:

[...] podemos dizer que, por efeito da globalização, o mundo mudou muito nas últimas décadas. Em termos de exigências dos novos letramentos, é especialmente importante destacar as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação (computadores pessoais, mas também celulares, tocadores de mp3, TVs digitais entre outros) implicaram pelo menos quatro mudanças que ganham importância na reflexão sobre os letramentos.

Ultimamente, devido a globalização e pandemia, diversas mudanças foram realizadas no ambiente educacional. Em relação a pergunta sobre ensino híbrido, Kevin menciona o preparo de todos os envolvidos no processo: a cultura escolar, o papel do professor, o espaço, a gestão, o uso da tecnologia, a avaliação, o foco e a autonomia do aluno.

Em relação ao ensino híbrido, é importante também ter um preparo. Não é de toda a equipe, de todos os docentes. E falando ainda um pouco dessa interatividade de dessa discussão entre os professores. Eu acho que não pode partir só da instituição ou só dos professores ou só de um professor, tem que ser algo unificado.

E, também ter o preparo, né? A Instituição, ela tem que se adequar, ela, tem que ter, é, os recursos necessários, né? Pra essa nova modalidade, é... os alunos também, né? Importante eles conhecerem, né? É um pouco também dessa, né? Desses recursos, né? E do ensino híbrido, ouvi-los, eu acho que é importante ouvi-los também. É Claro que assim, nós poderemos encontrar resistência. É, eu também acho que vale a pena tentar, né? Começar de repente com um curso, né? É um semestre, né? Mas eu acho, sim, SIM 1 piloto, né? Esse início também fazer uma análise de como que foi, né? O que que deu certo, o que não, quais foram os pontos positivos, quais foram os pontos negativos, né? E colocar pra rodar.”

Surge um novo professor, advindo não somente de uma experiência ocorrida com o advento da pandemia e seus desdobramentos, mas principalmente surgido das reflexões (aqui narrativa autobiográfica) sobre o seu fazer, que se transforma em questões sobre a prática pedagógica inseridas historicamente.

“Sim. Eu me sinto mais capacitado. Eu aprendi muito no início, né? Eu tive que também procurar, né? Fazer alguns cursos, pesquisar, porque quando eu entrei também eu não tinha tantos. Eu não tinha tantos materiais, né? Não tinha muitos materiais e então eu fui construindo também as minhas aulas, com diversos tipos de textos. É uma construção, né? Foi um, fui aprendendo também, então aprendi muito e hoje eu, né, com certeza eu me considero assim, um profissional mais capacitado.

Kevin enfatiza a importância da pesquisa, dos cursos de capacitação para a construção do conhecimento, elaboração das aulas, do trabalho com diferentes textos e como os cursos podem gerar ideias e melhor preparação profissional.

Considerações Finais

Neste artigo recorreu-se à metodologia das narrativas autobiográficas por considerar o professor um sujeito produtor de conhecimento sobre sua prática e acreditar que ao narrar, reflete e ressignifica sua trajetória pessoal e profissional. Por meio da narrativa, quisermos dar voz àquele que está construindo seus saberes profissionais, com o uso de (multi) letramentos nesta nova etapa histórica de retorno presencial pós ensino remoto emergencial. O contexto, as experiências, as reflexões e os desafios verbalizados por uma única voz contêm em si o potencial discursivo de serem significativas para toda uma classe profissional que compartilha de uma similar prática social historicamente situada. A narrativa autobiográfica permite que a voz de um singular ecoe para o coletivo.

Gostaríamos de dar voz a narrativa do sujeito que está construindo seus saberes profissionais neste novo modelo de docência presencial. Seu contexto, suas experiências de vida, o que ele denomina de desafios no novo presencial e suas reflexões que ressignificam toda sua formação como professor, possibilitando também, que outros professores reflitam sobre as novas representações sociais da figura do docente e seus desdobramentos em seu fazer pedagógico, buscando o melhor caminho para a formação dos nossos alunos, com o entrelaçamento de diversas leituras, diversos (multi) letramentos existentes, enfatizando que o ato de escrever e ler são ainda mais fundamentais na interação virtual do que nas nossas interações quotidianas, pois com o contato virtual, o leitor se transforma, contribui e modifica a informação que chega até ele. As questões de Kevin não são dele, mas sua voz e reflexão permitem que elas ecoem e façam laços com seus pares, que vivem a mesma circunstância.

Amparada por um arcabouço de autores, a voz de Kevin contextualiza a experiência docente no novo ensino presencial. A força da história oral, aqui representada pela narrativa de Kevin, tem a intenção de dar voz àqueles que passaram pela experiência real no caso do ensino remoto na Pandemia de Covid 19, questionando as narrativas dominantes do que foi dito sobre o assunto, mas não foi dito pelo professor. Neste sentido dar a oportunidade de o professor narrar, refletir e transformar seu próprio fazer. Kevin nomeia questões como o uso da tecnologia na educação e relacionamento entre professores e com a Instituição como pilares da construção de um novo fazer pedagógico, no novo ensino presencial. Ele tece suas reflexões a partir de sua experiência neste retorno ao ensino presencial, após ter passado dois anos dando aulas de forma remota. Rememorando sua experiência Kevin passa a ser agente transformador de sua prática e sujeito responsável e autorizado a refletir sobre ela em seu momento histórico. Isso a metodologia narrativa (auto) biográfica nos possibilita a medida em que a subjetividade de Kevin constrói sentido para a intersubjetividade de seus pares, legitimando suas falas.

Nesse sentido, através da experiência particular de Kevin ou um fragmento de sua história de vida, se constrói um novo conhecimento sobre as questões da atuação do professor no novo presencial que pode ser compartilhada e recriada.

O indivíduo Kevin se multiplica em mil vozes, sobre a profissão de docente e sua formação, possibilitando que outros professores percorram suas falas e experiências narradas para também construírem seu conhecimento a respeito.

Referências

BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. **Situated literacies**: reading and writing in context. London: Routledge, 2000.

Narrativa (auto)biográfica de um professor de inglês sobre as práticas de (multi) letramentos nas aulas remotas e presenciais

BEHAR, Patrícia A. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. **UFRGS — Jornal da Universidade**, Porto Alegre, 6 jul. 2020. Disponível em <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em 15 jul. 2020.

CUNHA, M.I. da, **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

DE LAET, Paula Almeida Morato; RAMIREZ, Rodrigo Avella; FERNANDEZ, Senira Anie Ferraz. Ensino profissional e formação docente: letramentos e multiletramentos pela percepção de professores de disciplinas técnicas. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 1, p. 171-189, 2022.

HODGES, Charles; MOORE, Stephanie; LOCKEE, Barb; TRUST, Torrey; BOND, Aaron. The difference between emergency remote teaching and online learning. In: **EDUCAUSE Review**, 27 mar. 2020. Disponível em <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em 15 jul. 2020.

KLEIMAN, Angela B. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever. **Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp**, v. 2010, 2005.

KLEIMAN, A, OLIVEIRA, M. do S.; Letramento no local de trabalho: o professor e seus conhecimentos. In: **Letramentos múltiplos** Natal/RN: UDUFRN, 2008. p. 18

NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. 2 ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro. Pesquisa narrativa e educação: algumas considerações. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 13., Curitiba, 2017. **Anais eletrônicos [...]**. Curitiba: PUCPR, 2017.

DA CONCEIÇÃO PASSEGGI, Maria. Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña1. **Revista Paradigma (Edición Cuadragésimo Aniversario: 1980-2020)**, v. 41, p. 57-79, 2020.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; DE OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação formação existencial. **Educ. Pesqui**, São Paulo, v. 32, n.2, p.329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a09v32n2>. Acesso em: 27 jul. 2022.

RAMIREZ, R. A. **Histórias de vida na formação do professor**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2014.

RIOS, Guilherme. Linguagem e Alfabetização de Adultos: uma perspectiva crítico-ideológica. **BOCC**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/rios-guilherme-linguagem-e-alfabetizacao-de-adultos.pdf>. Acesso em: 16 set 2.022.

ROJO, Roxane. Entrevista - **Outras maneiras de ler o mundo**. Educação no Século XXI. -- São Paulo: Fundação Telefônica, 2013.

ROJO, Roxane, MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias e linguagens**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SCHULTZE, F. **Biografy analysis on the empirical base os autobiographical narratives: How to Analyse autobiographical narrative interviews** – Part 1. Module B.2.1. INVITE-Biographical counseling in rehabilitative vocational training-further education curriculum, 2007. Disponível em: <http://www.biographicalcounselling.com/download/B2.1.pdf>; Acesso em: 04 jul. 2022.

SCHULTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In*: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**. . Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 210-238

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2007, 372 p

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. [tradução Marcos Bagno]. – 1.ed - São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

UWE, Flick. **Introdução à pesquisa qualitativa**; tradução Joice Elias Costa, 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. (405 p.)